



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 233 PREÇO R 1800

Banco Borges & Irmão

Depois de ter hoje aberto e ler uma carta de Lisboa, aonde se diz aqui em casa todos choramos, quando no Gaiato vem a oferta de mais uma casa, a imediata que abriu era do Banco Borges, Porto e diz assim:

«Temos a honra de comunicar que o Conselho de Administração deste Banco resolveu contribuir com a quantia de DOZE MIL ESCUDOS para a construção de uma casa do «Património dos Pobres», associando-se, deste modo, à grande Obra.»

Mais lágrimas em Lisboa! Mais no Porto! Mais, aonde quer que a notícia chegue!

Temos aqui na gaveta mais casas, sim, mas desejamos fazer a procissão só com esta. Só ela.

Quantos olhos não hão-de chorar de alegria!

E nós todos, primeiro Porto depois Lisboa, porque nas duas o Banco é. Todos nós, digo, doravante, passamos a ver com outros olhos a tabuleta Banco Borges & Irmão. No Porto mais. O Porto foi o berço. Não é parar. Não é discutir. É o silêncio a andar!

Senhor do Céu; que a Benção dos Pobres caia sobre o Mundo!

Património dos Pobres

Esteve aqui ontem o pároco da Marinha Grande que, por bom camarada, veio convidar um dos padres da rua para fazer entrega das primeiras casas da sua paróquia; e como nenhum de nós pudesse, pergunta ele quem havia de ir e como fazer. Ora acontece que na véspera, tínhamos nós entregado aqui seis delas, a outras tantas famílias, e aquela pergunta respondemos como havia sido. Tudo muito simples como pede a decência do acto: chaves na mão dos Pobres e estes abrem a porta e entram no que é seu. Mais nada. Outra dificuldade nos apresentou o visitante; diz ele que são tantos os casos na vila, que não sabe como nem por onde escolher. Ao que nós respondemos haver apenas uma forma de remediar um tamanho mal: casas prá frente! E ele, o jovem pároco da Marinha Grande, assim está fazendo. É na doce paz das tardes que temos ido por aí fora saber e ouvir dos nossos instalados. Aqui perto, aonde

(CONTINUA NA QUARTA PÁGINA)



Crónicas de África

Estamos desde ontem na cidade de Joanesburgo, que dir-se-ia de brancos, se não fora a multidão de negros que a enchem. O Júlio tinha medo e de noite recusava-se a pôr os pés fora do Hotel! Resolvemos ficar dois dias na cidade, pois que Júlio nunca tinha visto e eu estava esquecido do que outrora vira. Ou que o mundo seja pequeno ou os homens espalhados, o certo é que não faltou cão nem gato a dizer que sim! *Então você por aqui?* Eram portugueses. Ao sair de uma igreja aonde tinha celebrado, o Reitor apresenta-me um estudante. Foi-se a ver e era meu primo...! Disseram-nos que há uma colónia de 12 mil portugueses naquela terra do oiro.

Os madeirenses dão ali cartas, por depender do seu labor as couves que as donas de casa vão buscar à praça. Havendo, ao que ouvimos, pouca simpatia pelos latinos e até o desejo de lhes fechar a porta, o actual governo Sul Africano deixa estar e não se importa de receber mais gente da Ilha da Madeira. Um dia fomos dar uma volta pelas cercanias da cidade. Era num taxi. O motorista, de 50 anos de idade, viu nascer Joanesburgo e chama pelo nome a todas as coisas. Foi ele que nos disse dos madeirenses, ao passarmos pelo meio das suas hortas. De uma pequena leira, quase dentro da cidade, soubemos que o seu dono havia recusado uma recente oferta de 50 mil libras, tal o ganha pão da hortaliça na praça.

Nós tínhamos estado dias antes no mercado de Luanda. Os mercados são o índice. Neles e por eles se vê e lê a vida de um povo. Tínhamos estado no mercado. Em Luanda não vi couves. No mercado de Luanda não vi a frescura nem a riqueza da horta. No hotel aonde estávamos, chegavam frutas e hortaliças regularmente, em forquinetas, com cara de grandes caminhadas, aonde faltavam qualidade e apresentação. Faltam ali os Madeirenses ou outros que saibam e se importem. Falando, ainda, do mesmo assunto, recordo um passeio ao Catete, aonde almoçamos em casa de um dos meus rapazes. Na mesa aparece couve-flor. Perguntei. Era de ali perto. No fim quis ir ver a horta. O que não viram os meus olhos! Variedade! Pujança! Cor! Isto era um bocadinho apenas, tanto quanto basta para fornecer os empregados daquela Companhia. Eu levantei a minha voz, de espanto. Calculei. Fiz projectos. Aquele meu rapaz ouve e declara que se lhe dessem um tractor ele fornecia a praça de Luanda! Mas regressemos. Estamos em

Joanesburgo. Se me perguntassem se eu gosto da cidade não sei verdadeiramente como responder. É uma criança desmarcada. Cresceu muito, mas não tem o tempo. É o oiro. Eu cá sou suspeito. Eu digo mal dele.

Júlio morria por falar inglês e quando eu mexia os lábios em conversa com alguém, ele todo se mordida de curiosidade. Aquilo fazia-me pena e sempre que possível mandava o Júlio aviar recados. Ele conhece uma dúzia de verbos e outros tantos substantivos e com esta metralha mandei o a uma farmácia comprar gaze e adesivo e um tubo de pomada. Ele foi e trouxe. O que por lá aconteceu não sei...! De outra vez disse-lhe que me fosse buscar papel de carta, azul, próprio para avião. Ele foi e trouxe! Um mês que ali estivessemos e o meu companheiro daria conta de todos os recados. Ainda outra vez o Júlio foi comprar peúgas. Marquei preço e cor. Aqui falhou. Em vez de preto trouxe azul e por lá, algodão. Eu ralhei. Ele acode que é tudo muito caro e que não podemos gastar dinheiro. Na verdade a nossa viagem foi uma renúncia. Júlio compenetrava-se. Nunca foi a um cinema. Nada especial. Tudo pelo mais barato. Quando em Luanda e eu doente, pedi que me comprasse um agasalho de lã. Ele vai e traz um pullover, que mais parecia lixa do que fio de lã. Enquanto desembrulho, vai esclarecendo que havia na loja coisa muito fina para trezentos angolares, mas aquela peça, de noventa deles, dava bem para a ocasião e que em Paço de Sousa tínhamos muitas e muito boas e todas sem preço. Diante de tais argumentos o meu dever era aceitar, caladinho. Muito caladinho, com quanto, ao vestir, tivesse notado a sua pequenez. Caladinho, com quanto, daí a nada, como estivesse transpirando e a anilina era falsa, a camisa e os lençóis e o colchão e tudo na cama ficou da mesma cor do pullover! Foi assim a nossa viagem; quentinhos no dinheiro e fervorosos no poupar.

EM DISTRIBUIÇÃO

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia de «O Gaiato»

PAÇO DE SOUSA

NOTA DA QUINZENA

Esteve no Lar do Porto, por muito tempo, um pequenito do Barredo, cuja mãe faleceu e nós tomamos conta. Era ali o mais que tudo. Por várias vezes pretendi fazê-lo embarcar no *Morris*, mas era torpedeado. Os outros não deixavam; sobretudo o chefe, ao qual, o orfão dava o doce nome de Pai. Ele é verdade que eu gozo de autoridade no meio da minha gente. Gozo, sim, mas às vezes é preciso quebrar; e assim acontecia, chegada a maré de o trazer comigo. Mas chegou o dia. A criança necessitava de leite e bons ares. A cara o dizia. E foi o próprio chefe que o trouxe para a nossa aldeia.

O rapaz instala-se; melhor, é instalado no quarto aonde dormem mais 5, perto do bafo das senhoras.

Achou o seu elemento. Os companheiros são da mesma idade e gostam das mesmas coisas que também ele busca e muito aprecia. É um quase precoce. Muito insinuante. Se lhe perguntam ele faz por compreender antes de dar a resposta. Interessa-se.

Ontem estava eu com o Avelino à hora do recreio. Aí vem um grupo de três *batalas*. O do meio era ele. Avelino pergunta-lhe se gosta mais do Porto. O petiz deixa o seu grupo vem ao pé de nós, toma as mãos do Avelino e responde que gosta mais daqui. *Aqui é mais bonito*. Os seus dois companheiros já iam longe e ele fica ali a conversar. *No Porto há só um jardim e aqui são muitas coisas*.

Não tem mais de 5 anos o nosso informador. Por um particular empenho dos do Lar do Porto, ainda se lhe não cortou o cabelo rente, o que empresta graça ao seu rosto comprido e cheio de expressão. *Aqui são muitas coisas*. Na verdade eu já tinha observado.

Como ele não tem ainda idade de uma obrigação, acontece que se mete nas de todos e vive cada uma delas. Mais. Os outros chamam-no. Ele não tem mãos a medir. Tanto está na casa do forno como nas capoeiras, ao pé dos cozinheiros, a juntar fitas dos carpinteiros, a ver como os tipógrafos fazem, atrás dos bois e das vacas e a pedir ao Sérgio que o leve a cavalo. De manhã à noite o Artur está em toda a parte: *no Porto há só um jardim*.

Ora nós temos por costume fazer compendios e ensinar por eles; e o certo é que tanto mais se erra quanto mais nos afastamos do natural.

Mais do que qualquer livro aberto, o Artur do Barredo está aqui a ensinar os mestres. A condenar Recolhimentos dentro de cidades.

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)

Doutrina Social



Eles armam e às vezes armam-nos... Mas fica tudo em casa!

A gravura de hoje ilustra. Faz luz. De nada valeriz a fama da «Obra da Rua» se ela não fosse uma correspondência imediata, perene e total às justas aspirações das almas. Chegou a hora de arrumar os primeiros rebentos. Eles querem-se casar. Nós damos-lhe por dote a casa e terreno para um quintal. Eu tenho que esta Obra de Assistência nada faz, — nada, enquanto não colocar os competentes no lugar competente. É um acto de justiça. Este ano da Graça de 53, vai marcar e afirmar os nossos princípios; dois dos grandes, o chefe das oficinas de carpintiro mai-lo gerente da tipografia, contam instalar-se em suas vivendas, sob o sinal da cruz. Não nos podemos gloriar nem esperar que os homens nós digam benemérito. Isso cabe no mundo da vulgaridade. Aqui não. É o nosso dever.

Mais doutrina. O Fundo Social dos Rapazes da Casa do Gaiato, em conta corrente no Banco Espírito Santo. Temos ali nada menos de quatro epígrafes: Casa do Gaiato, Património dos Pobres, Fundo Social e Cooperativa. Tanta coisa, que eu chamei hoje o Avelino, a quem disse ser talvez avisado chamar a atenção da Gerência, e ele vai e desata a rir... Ave-

A proclamar que as gaiolas, mesmo doiradas, são feitas, sim, para passarinhos, mas nenhum gosta de lá estar. Que ele, Artur do Barredo, por si mesmo e a seu tempo, em lugar de se meter na dos outros há-de tomar a sério e cumprir a sua obrigação. Tudo isto suavemente, naturalmente qual flor delicada que o sol faz abrir.

Há ainda, uma nota piedosa. Ele era do Postigo do Carvão. A primeira vez que lhe toquei, apañava ele de comer num caixote. Por ele entrei no tugúrio e ameie sua mãe até ao fim. Inteligente como é, este pequenino Artur, quando lhe dá, vem-me procurar: a minha mãe era sempre triste. Ficou-lhe na alma a tristeza da mãe! Como ele havia de amar, se tivesse vida para isso e sua mãe vivesse, — como não amaria!

lino riu-se. Não tenha medo. Ali não há misturas. E eu fiquei envergonhado! Mas continuemos com a nossa doutrina. O Fundo Social quer dizer que após o exame, todos os rapazes ganham, seja nas casas de formação, seja nos Lares. Cada um tem sua conta corrente e o dinheiro deles gira nas despesas da Casa. Raros são os que têm e governam as suas cadernetas. Um que deseje retirar-se, pode naturalmente fazê-lo. Retiramos do Fundo Social o seu crédito, fazemos entrega, cobramos recibo e acabou. A escrituração é feita e mantida pelos chefes. Eles tomam conta e dão conta. Tudo prata da casa. Rende. Causa alegria. É muito mais em conta. No tempo em que nós eramos superiormente perseguidos pela prestação de contas, chegamos a tratar com um funcionário. Desejávamos naturalmente condescender. Hirtos não. Inflexíveis não. O homem apareceu, inteirou-se e pede dezoito contos por ano; declarando ao mesmo tempo: eu faço tudo isto com uma perna às costas. Ora foi justamente por aqui que ele morreu. Ele é verdade que eu estava superiormente autorizado a contratar o funcionário; estava sim senhor. Mas era dinheiro da Nação. Faltou-me a coragem: eu faço tudo isto com uma perna às costas. E resolvemos fazer tudo isto em casa com as pernas no seu lugar.

A Cooperativa das Casas do Gaiato, é outra feliz realização, com sua conta no Banco. A princípio, deu-se o bom e o bonito, quando Avelino, em casa dos fornecedores, rapa do livro de cheques, preenche, assina e paga. O quê? Tul! Agora não. Os homens vão aprendendo...!

Outro ponto extravagante da nossa doutrina é que nós fazemos e pagamos o mês de trinta dias, não só aos nossos, mas também aos trabalhadores de fora, que porventura hajam de nos servir. Mais quatro dias. Que riqueza! Que fonte de alegria! O que até aqui dava para o azeite e pouco

Alguém passando na estrada para seu carro e entrega 20\$. Era um italiano que queria pagar portagem em terra de Casa do Gaiato, como se ali fora a ponte de Vila Franca...

A Caridade nunca é estrangeira, que o nosso Deus é Deus de todas as nações! Nem fronteiras, nem raças, nem nada. A realidade que mais importa, Ela exprime: Deus é Pai e os homens todos irmãos. Se vivessem todos nesta ordem, onde a guerra de nervos e a guerra fria e as desigualdades escandalosas? Não é a Paz de Cristo o que falta... Falta, sim, aos homens a boa vontade.

Uma professora diz presente com 100\$ e visitantes com 417\$50. Um velho amigo de todos os instantes lembrou as necessidades dos nossos rapazes e cá veio dar uma peça de flanela, que é já regalo de quem veste as blusas feitas dela, regalo das senhoras, que andavam clamando no deserto e regalo de quem fica algum tempo de férias de as escutar. Os empregados da Vacuum mandam a sua 66.ª cotização: 1.140\$. A Sociedade Arla ofereceu uma máquina para descascar batatas e outra para cortar as ditas. Utensílios deste e de outros géneros são mais preciosos do que nunca, agora que o Lar de Lisboa, na R. Renato Baptista 70 1.º, parte do nada e precisa de tudo.

Um sacerdote pobre manda 200\$. Ainda bem que é pobre, senão... No Sanatório Sousa Martins alguém se lembrou de outros «doentes» com um vale de 50\$. A porta da Igreja da Estrela, a um dos nossos ardinas 220\$ e na sacristia da nossa Capela uma pessoa, que outras vezes tal tem feito, põe em nossas mãos 100\$.

Um, que se atribui o dever de «tomar parte nesta Obra de amor», manda 500\$ para o Património dos Pobres. A Câmara do Seixal, que também lá terá seus necessitados, não teme gastar 300\$ com os de fora. Nem sempre se topa com uma tal largueza de vistas e de coração!

A «Mãe do Carlitos» dá 100\$ em acção de graças a N.ª S.ª do Amparo; Produtos Lácteos a sua conta mensal: 179\$50. De algures, cobertas, camisolas, camisas e sapatos. Para o Barredo 350\$. Uma useira e vzeira de Bucelas, comemorando o Natal, manda brinquedos, bolos e boroas que foram para os doentes do Sanatório. Não contente, acrescenta 50\$ para as obras da nossa Igreja. Assim atende às necessidades do corpo e do espírito. Agora por obras da nossa Igreja, aproveito recordá-las aos senhores. Bem tencionava lá celebrar minha primeira Missa, mas não sei...

Do Grémio Literário. 100\$, 50\$ duma criada servindo em Lisboa

mais, hoje dá para o conduto e até (oh vida, que és tão bela!) para pôr no escaninho da caixa, quando a doença vier. E tudo isto é sem favor. Tudo isto é um acto de justiça. É a Comunhão Geral.

Quem sabe, meus senhores e minhas senhoras, se este não será o terreno do grão de mostarda...! Quem pode dizer?



Aqui, LISBOA!

e 1250\$ depositados no Patriarcado.

Visitantes deixam um cheque de 5 contos, mais outro de 500\$ e uma nota de 100. Foi este dinheiro que nos valeu para as primeiras necessidades do Lar e ainda assim mal chegou para a roupa de cama.

Uma senhora (o recado traz marca de mulher) prepara o nascimento de Jesus e pede-nos com lágrimas que a ajudemos a implorar a salvação de seu filho. Em troca manda brinquedos e livros vários.

A porta duma Igreja 100 angolares, mais 50\$ para o Barredo, mais 20\$ para «O Barredo» — livro e para a Conferência.

Por intermédio do Pároco de Fátima 200\$.

Alguns dos nossos rapazes andam agora muito bem encamisolados. Foi uma senhora que quis vestir 50 deles por suas mãos. Como o tempo lhe não deu senão para 10, foi à loja e comprou as 40 que faltavam. São uma beleza! É certo que 60 deles ficaram a dezoitar... mas deixá-lo, que a variedade não lhes rouba o belo! Vieram também uma gabardine, um casaco e 7 pares de sapatos novos. Se lá houver mais algum par, mesmo velho, amigo leitor, não hesite, pois continuamos muito pobrezinhos de calçado e o frio está a pedi-lo.

Da «Ulamarina» passaram às 11 da noite e deixaram 500\$ e boroínhas. É bem bom nós sermos a «porta aberta»! A senhora da Cecil mandou 150\$ divididos igualmente pela Conferência, Património e boroas do Natal. Mais 80\$ para os pobres e 50\$ «para uma pitada de açúcar para as rabanadas». Para o Património 1000\$. De Coimbra 100\$ e da Marinha Grande outro tanto. Agora aparece África. É Vila Pery com um cheque de 1000\$. De Campolide 20\$ para uma telha, 20\$ para os pobres e 60\$ para uma Missa «por alma de minha mãezinha». Tanto esta, como outra pedida «por uma intenção especial» já foram celebradas. Além-Atlântico não é zona morta. Desta feita surge Buenos Aires com 500\$. De tão longe, saltamos aqui mesmo ao Tojal onde fomos contemplados com 50\$, 7 borregos e um cacho de bananas.

Das economias feitas do ordenado dum filho, manda a assinante 3094, sapatos, 2 casacos, uma camisa e 150\$. Do Buçaco 500\$ e 12 dúzias de boroas. Uma dádiva original: o produto da «venda do único bem de raiz que possuo, o cabelo que me cai» 13\$. M. M. teve um aumento de ordenado e nós é que o ganhámos: 200\$. «Atribuo este aumento ao pequeno sacrifício com que há dois meses mandei 100\$. Tenho a certeza que foi Deus quem me quis recompensar».

Avança, numa encomenda de colchões ofereceu um mais molinho para Pai Américo. Já está no Lar de Lisboa esperando por ele.

Uma visitante deixa um cheque de 11 contos para uma casinha de pobres. Outro visitante 20\$ e outros, ingleses, 70\$. No Montepio 330 pesetas, e 358\$80 moçambicanos, 70\$00 para os pobres, 20\$00 de Oleiros, 90\$ para uma telha do

(Continua na página seguinte)



TRIBUNA DE COIMBRA

O que nos vão dando: Eu bem vos dizia na última que havia de ser um desfiar de coisas e aqui vão elas:

Veio a fourguneta das Fábricas Triunfo com as coisas costumadas para a consoada; e carne e chouriço por visitante; e cem da Figueira para as filhizas do Natal; e quase duzentos quilos de bacalhau do Grémio dele; e tangerinas e vinho da mãe de Tábuas; e um saco de batatas dum armazém; um bolo; uma lata de azeite de Coimbra; um casal com um carro e com batatas, azeite, laranjas e mais coisas; azeite para as filhizas.

Chita e roupa da mãe de Ilhavo. Cinquenta de Lourenço Marques para a viúva do jornal; duzentos de Lisboa em vale; uma caneta «para o gaiato que tiver mais os olhos nos do Sr. P.º Américo»; cem dum senhor Major à Cruz de Celas; roupas e igual quantia; uma cama para o Património; um divã para o mesmo fim e cem; roupas para uma criada de servir. Cinquenta para o Natal dos Lázarus; vinte a um vendedor para o mesmo fim; o costumado Natal de O. de Azemeis e uma lapizeira para meu uso e um pedido que já foi atendido.

Roupas usadas; meias dumã mãe caridosa; uma coberta; roupa e cem a pedir uma missa por alma dum filho; cem de visinhos que regressaram do Brasil; dois grandes caixotes da Beira; camisolas da Lousã; cintos e bonés de Cantanhede; quarenta deixados na Gráfica; cem no P. Delgado; cinquenta no mesmo; uma mala de roupas e a visita costumada do dia de Natal; um alfinete de ouro e o pedido dumã missa, no Castelo da Sofia; facturas pagas numa oficina; lápis e cadernos e borrachas; cem da M. P.; meias e camisolas, dumã fábrica; chailes e pullovers feitos aos serões; solas dum armazém; cem do costume dumã se-

assinante 3292, mais 100 para a nossa Conferência e Património, do assinante 15429; mais um vidro de 50\$ e um prego de 20\$, mais uma esmola para as Curradeiras de «um grande pecador», mais 50\$ com o mesmo destino de «eterna saudade»; de Algés 100\$ com o pedido de um pensamento na Santa Missa pela alma de seu saudoso marido; e ainda roupas brancas, cachecois, canetas, sedas bordadas, camisolas, revistas, fatos usados e nem sei que mais. Mais figos e figos secos! Livros vendidos ao longo do mês: 250\$. Uma figueirense, 20\$. A Cecil 200\$, a Vacuum outros 200 e os seus empregados dose reforçada: 1.500\$. Para o Ruizito roupa linda dada por um Rui e mais 50\$ para a Casa. A Irmandade de N.ª S.ª da Conceição e Patrocínio de S. José 100\$. Mais 20\$ de S.ª Isabel. Do Grémio do Bacalhau dois fardos do dito e 400\$ mais 50 l. de azeite do grémio respectivo.

Não é tudo, mas o artigo vai longo e há que terminar. Que o Menino-Deus haja nascido nos corações de todos nós, como reza um belo canto de Natal! A Ele toda a glória e toda a nossa gratidão por tantos bens que nos deu, pela nossa generosidade que despertou.

C. G.

nhora visinha; vinte de visitantes; meias e calças; visitantes com cinquenta; mais, com sessenta; outros com vinte; e deles com 12\$50.

Trezentos do senhor de muitas vezes; quinhentos do Grémio dos Lojistas; duzentos e cinquenta do Grémio de Panificação; cem da S. Nacional de Sabões; 900\$ da Socony-Vacuum; quinhentos da Auto Industrial; uma caixa de sabão dos Martas de S.ª Clara; solas e peles da Fábrica de Curtumes de Coimbra; vinte da Atlantic; cem do Governo Civil; quinhentos de José Marques Tomás—S. Paulo; igual quantia do Banco de Portugal.

Um senhor que foi ao Lar entregar duzentos dumã promessa; cinquenta de família que visitei; os costumados cem do doutorzinho de Mira.

E agora para fechar o ano, vede o que aconteceu: uma carta dumã orfã de pai desde um ano, que manda parte do seu primeiro ordenado de enfermeira; outra que entrega o primeiro ordenado todo; e outra ainda que entrega também o seu primeiro de professora.

As obras dos homens, quando impregnadas de Deus, são maravilhosas!

PADRE HORACIO

VENDA DO JORNAL

Esta epígrafe continua-vos a dar boas provas da venda. Como ultimamente vos disse, correu menos mal a venda. Mas desta vez posso dizer que graças a Deus, correu muito melhor. Assim fosse sempre. Destes dias aparecem poucos. Até os arduos, os que vendem esses jornais diários davam provas que estavam a vender bem. Nós vendemos mais, por causa de ser de quinze em quinze dias. Continuo a pedir-vos para que todos comprem este jornal. Ele é um jornal cheio de verdade e cheio de moral. Até muitos dos vossos filhos gostam de o ler só para verem o «Isto é a Casa do Gaiato», que é sem dúvida o que muitos dos leitores devem ler para verem o que cada um de nós faz. Os nossos assinantes e esses que todas as quinzenas o ambicionam, são testemunhas disto. São eles os próprios a dizer.

Como já anunciei, saiu da venda do jornal o Abel, um dos grandes vendedores. — O camisola amarela. Ainda me foi ensinar na última quinzena os seus fregueses. O entusiasmo era grande, entre mim e ele. Os seus fregueses sentiam se tristes ao saber que o seu fornecedor ia abandonar o seu posto habitual. Ainda há mais: o Abel fez anos em 19 de Dezembro de 1952.

Os seus fregueses oferecem-lhe prendas por ele ir sair. As saudades eram grandes. E diziam-lhe: Abel pede ao Pai Américo para de vez em quando vires por cá para as saudades passarem. Valeu? Ou não. Sim senhor. O Pai Américo ofereceu-lhe um fato por recompensa das suas 19 Primaveras. Em resumo: Abel foi um belo vendedor; por isso merece todas estas considerações.

Em Viana os vicentinos andam com muita vontade a fazerem casas para os pobres. Já inauguraram duas, e já andam a fazer mais. Isto é medonho! Os de Viana sim. Estes nunca. O Sr. Padre Constantino é também um dos que andam com

vontade. É claro que havendo boa vontade há tudo. Se assim houvesse em todas as regiões, não haveria tanta miséria, como infelizmente há. Os nossos parabéns aos Vianenses. Mesmo quando os vendedores lá vão eles sempre nos tratam muito bem. O Sr. Zé Rancheiro é que nos dá as ordens para nós ficarmos para o dia seguinte. Vamos a casa do Sr. Dr. Manuel dos Santos. Comemos muito bem. E no fim da tarde a sua Ex.ª esposa deu-nos uma boa renda para nós comermos no combóio. De Guimarães é o mesmo. Isto é admirável. Isto é doutrina. Nós que fomos da rua, hoje andamos por casas de snrs. que nós nunca pensávamos em tal coisa. Quem nos viu quando nós entramos nesta Obra, e quem nos vê agora. Oxalá que assim continue sempre.

Os de Guimarães, Fala Barato e Récio, informam que a venda lhes correu muito bem devido a um grande encontro que se realizou naquela antiga capital. Jogou Sporting Guimarães; as pessoas nesse domingo eram bastantes. Só o Sporting levou dois combóios especiais. Este nosso jornal não é para se falar sobre desporto, é certo, mas isto até devem gostar de saber. Isto não faz irritar ninguém. Nós os sportinguistas distinguimo-nos, por não querermos sempre o mais e melhor para nós. Não somos daqueles que, só o que é deles é que é bom. Somos todos irmãos. Vivemos todos sob o mesmo céu. Todos nos aquecemos com os raios do mesmo Sol. Por isso nada de distinções. Distinções deve haver sim, mas é em querermos ser sempre melhores e fazermos sempre mais e mais, em proveito dos mais desprotegidos da sorte. Oh! quem dera que todos soubessemos ser como o nosso Pai Américo! Se assim fossemos não haveria rancores, nem fomes, nem guerras. Seríamos realmente todos irmãos. Isto de desporto é uma simples amizade que está em cada coração de nós.

MANUEL HENRIQUE

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Concerteza muitos dos nossos leitores estão admirados por não termos publicado as suas ofertas. Que nos de culpa. O espaço exigiu do Desordeiro obriga-nos a escrever pouco. Ora então vamos lá. De Valença do Minho o assinante ou a assinante 5307 mandou 250\$00. Num envelope com a legenda para os pobres de S. Vicente 50\$00. De José Lopes Tavares 200\$00. A. B. com 100\$00. Arméio José Pereira de algures com 200\$00. Maria Rodrigues mandou 100\$00. Manuel Pinheiro Machado 30\$00. Fernanda Vale Pires 20\$00. Maria Lucília Neves 10\$00. José e Prazeres 40\$00. Da formosíssima Lourenço Marques, um ou uma lourenço-marquina 200\$00. Que recordações! Duma professora do Porto, sabe-se lá com que sacrifício, cinquenta deles. José Falcão Nunes remeteu-nos 30\$00, excedente do pagamento do revolucionário «Barredo». De Rio Tinto 20\$00. E agora mandou esses 20\$00 em cumprimento dumã promessa, para os vossos pobres; assinante anónima. Aqui está a recepção. Torres Vedras 20\$00. Actur Bettencourt com 25\$00. Da Senhora da Hora 50\$00. Uma anónima de Barcelos com 100\$00. Um anónimo entregou no Espelho da Moda 100\$00 A capital não quer ficar a zero e envia-nos de lá 50\$00. S. João do Monte 40\$00. Alvaro Cunha 15\$00 e António Cunha 10\$00. Alda Campino de Lisboa 20\$00. E para finalizar, junto envio 50\$00 para auxiliar a vossa Conferência agora pelo Natal. É muito pouco, mas é dado com a melhor das vontades. E se mais não vai, é porque me não é possível. Desejo-vos um Natal em Cristo. Duma assinante.

—Caros leitores. Quem ler a série encrme de donativos que transcrevemos acima, chama-nos fartos. Engana-se Para o quê vejamos: Receita durante 1952 20.585\$00 Despesa 20.574\$40 Saldo para 1953 10\$60

Aqui estão as nossas contas. O que recebemos e o que distribuímos durante o ano passado. Não reservamos e daí estamos neste momento com déficit. Nós temos confiança na Providência, e nas preces do Pobre.

Júlio Mendes

Os Nossos Livros

Se tivéssemos gastado anos da nossa pobre vida, a estudar [a melhor forma de pôr na rua uma revolução, não teríamos jamais colhido melhor êxito do que esta de «O Barredo», — nas almas. verdadeiramente espantoso o que se está passando! Não é raro ser eu chamado ao telefone e se dizem que não estou, o recado volta. São vozes distantes e aflitas. Corações a falar. A princípio, tomava por qualquer caso ali acontecido, ao ouvir—e o Barredo?! Mas logo compreendi que não era o lugar e agora, já sei do que se trata. É o livro. E gente desmaiada! Incrível! As 3.000 fichas já foram expedidas e o que anda ora em giro, são nomes fora da inscrição. Ou que tenham lido críticas, ou ouvido falar delas. Seja por curiosidade ou procura de remédio ou, ainda, tirar dúvidas; o certo é que o livro é requisitado como se estivessemos em tempo de fome e sede!

Mais. São raros os que se sentem com forças para dar somente o seu custo; se alguém o tem feito pede desculpa e alguns, — perdão! Temos tido dias de cem cartas além dos pedidos feitos a gaiatos da venda!

De sorte que, na história do livro português, a não ser em matéria de escândalo, jamais houve um, honesto, tão ansiosamente procurado. É a volúpia do divino. De onde podemos concluir, que não é tanto a falta de leitores que produz a chamada crise do livro, como a de leitura.

Notas do Banco envoltas e revoltas, saltam das mãos dos leitores quais lágrimas dos olhos, à vista das grandes tragédias humanas! Nós podíamos fazer um outro livro, dando à luz os formosos trechos de quem já leu e pede mais. Todas as categorias. Todas as situações. Todos os credos. Espantoso!

Sendo assim, e daqui não há fugir, segue-se que nos encontramos em frente de um verdadeiro acontecimento nacional, passado na capital do Norte. É da actualidade. Ora nós estamos todos afeitos a ver as chamadas forças vivas acudir e marcar presença em horas de circunstância. E ora não!

Sabe-se que, no caso de descerem à Ribeira, as autoridades não iriam desde logo começar a demolir. Não senhor. Se ali fossem seriam os arrepios. O exame de consciência. A dolorosa aceitação. Eles nunca ali tinham estado, a não ser pela força! Não iriam deitar abaixo. Subiriam, sim, determinados a escolher noutros pontos da cidade, lugares adequados a moradias adequadas. Depois do que teríamos livre e desocupada a grande escarpa. A facha ribeirinha. O berço.

(CONTINUA NA QUARTA PÁGINA)

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA NOTÍCIAS DA

CONFERENCIA Em todo o mundo, pobres e ricos lembraram-se deste dia. O dia da Comemoração do nascimento do Deus Menino. Nós também nos lembramos deste dia. Os nossos pobres também se lembraram. Nesse dia, como não podia deixar de ser, demos-lhes alguma mercadoria. Foi 1 quilo de bacalhau, de arroz, de açúcar, de batatas e alguma coisa de azeite. Demos sem ter um tostão em caixa e com senhas na mercearia para pagar. Demos e recebemos porque houve quem se lembrasse de nós e não deixou passar esta quadra do ano sem nos enviar alguma coisa. Recebemos da Rua Henrique Seco, feijão, açúcar, arroz, massa da meada, azeite e 5\$00, que constituí o Natal de um nosso pobre. Duma nossa subscritora 5\$00 além da sua cota mensal. Da Beira-Moçambique recebemos 300\$00 da senhora C. F. para a nossa pobre cancerosa conforme seu prometido, que lhe desejamos um Ano Novo cheio de prosperidades. De C. C., Lisboa, uma assinante 50\$00 «por alma do meu chorado marido». Obrigado e sentidos pésames. E por último, tenho a apresentar aos meus caros conimbricenses um ex-gaiato também conimbricense de gema, como muitos outros que estão espalhados por esse mundo além. Chama-se Abel de Barros e está em Lourenço Marques, e que respondeu ao meu apelo lançado num dos últimos números sobre a edificação de uma casa para pobres nesta cidade. Ele como bom conimbricense que é, não faltou e enviou-nos 100\$00 e pede desculpa ainda por cima, de não enviar mais. É para prego. Sim, diz bem, porque eu também sou conimbricense de nascença e fico triste ao ver que vos ainda não tenhais uma casa, minha querida Coimbra. Vós caros leitores, filhos de Coimbra, podeis dar e ajudar com que o nosso sonho se transforme em realidade pois basta um «sim» e obras e, não só pensamentos, para que também possamos ter uma casa para o nosso irmão pobre. Não esperéis e mandai já a vossa valiosa ajuda. Segui o exemplo deste ex-gaiato de que falo. Ele está longe mas não deixou de dar o seu apoio material. Ele ficou triste por ler o meu artigo e eu fico triste porque até esta altura ainda ninguém se dignou responder a aquele meu artigo fora este amigo de que hoje lhes falo. Segui-lhe o exemplo e vereis como a alma e o coração do nosso Pai Américo, que deu nesta cidade os primeiros passos desta Obra grandiosa, vos agradece e como ele fica contente, porque o vosso coração correspondeu aos anseios do dele. Dai e não olheis para a vossa mão. Dai e não repareis no que dais, mas sim, reparai no bem que ides fazer a muitos pobres que não tiveram a sorte de nascer como muitos de vós. Lançai a vossa mão à consciência e consultai os vossos corações e depois fazei o que ele vos responder. Caros amigos e irmãos conimbricenses, dai aquilo que puderdes e vereis amanhã quanto grande foi aquilo que destes e ajudaste a salvar. Ergue-se uma casa, salva-se uma família, leva-se a um lar a felicidade, a vida, a saúde e leva-se àquela família que tiver a sorte de ocupar essa casa Deus Todo Poderoso e é mais um lar cristão no meio de tantos outros. Eu agora espero que não fiquis indiferente a mais este lamento de um conimbricense que me orgulho de o ser. A todos eu desejo um Ano Novo cheio de prosperidades e bênçãos de Deus e dizer um Muito Obrigado àqueles que nesta quadra se lembraram de nós e dos nossos pobres. Obrigado a todos.

JOSÉ MARIA FERNANDES

MIRANDA DO CORVO Depois de um pequeno interregno, volto à minha tarefa de crónica, para narrar aos estimados leitores alguns acontecimentos começando a falar do Património dos Pobres. Como foi anunciado inauguraram-se na véspera do Natal mais duas casas que foram oferecidas pelo Ex.^{mo} Senhor Dr. José Carlos desta vila que não se poupou a esforços e entusiasmos para ver realizados os seus anseios. As duas casas estão situadas num local local, onde se avista a vila de Miranda. No dia de Natal estiveram à disposição do povo, o qual não deixou de levar algumas ofertas. Esta formosa vila orgulha-se de possuir presentemente seis casas do Património dos Pobres e uma em construção fazendo um total de sete.

O nosso Natal decorreu da melhor maneira

Aqui nasceu Portugal. Ao formoso alcantilado dos primitivos habitantes, dava-se agora nova fisionomia consoante os tempos. Tudo menos a Miséria de hoje. Qualquer empresa que venha a meter ombros à obra, não perde dinheiro. Os, actuais moradores, mudando-se garantem as rendas. Os que vierem, pagam os terrenos. Quem perde? Ninguém. Quem lucra? Nós todos.

E vamos prá guerra... da paz. E' mais doce ganhar esta do que aquela. Armas? Obras de justiça.

possível. Na véspera as tradicionais batatas com bacalhau e as filhoses não nos faltaram. Também estiveram presentes os do Lar de Coimbra que muita vida deram a esse dia. A meia-noite houve missa cantada e finda esta houve uma grande cafézada com filhoses.

Depois de manhã houve bola e à tarde uma pequena recita fez a pela malta. Resta dizer que nesse dia houve comunhão quase geral assim como no dia de Ano Novo e do SS. Nome de Jesus que é o Padroeiro da Obra da Rua.

Agora quero agradecer algumas coisas que recebemos. Da Lousã camisolas e jogos de Coimbra, Sociedade de Fazenda veio uma peça dela, também para a nossa conferência vieram alguns donativos. Das Caldas 50\$00, de Coimbra 100\$ e desta vila 50\$00. Para o Natal dos nossos pobres, a União de Mercadorias Mirandense ofereceu algum bacalhau e até uma padaria nos ofereceu o pão para os pobres. A todos estes senhores nós e os pobres ficamos muito gratos e esperamos por mais.

Ainda outro pedido. São roupas. São roupas e calçado e agasalhos para tapar o frio, pois já temos a serra coberta de neve, e por isso temos que pedir socorro. Quem nos acode?

CARLOS MANUEL TRINDADE

LAR DO PORTO PEQUENOS — Aos 25 de Dezembro de 1952, reunimos mais uma vez a Conferência de S. Vicente de Paulo do Lar do Porto, com assistência de todos os co-irmandes, o assistente e presidente.

Em primeiro lugar rezamos as orações habituais; e em seguida, foi lida pelo secretário a acta n.º 6 a qual foi aprovada.

Havendo depois a leitura espiritual, pelo livro «Confessai-vos Bem», onde se leu um trecho sobre a confissão.

Terminando esta parte, fomos interrogados pelo presidente, sobre a visita aos pobres.

O Fernando Guedes informou que a sua pobre estava melhor e que a casa estava muito limpa. O mesmo informou que a sua pobre estava muito contente pela consoada que lhe demos.

O Norberto informou que a casa do seu pobre estava limpa, e que a mulher tinha ido distribuir o pão pelos fregueses. O marido mostrou-se muito contente pela consoada do Natal.

Nesta data foram admitidos mais três pobres na nossa conferência, que são Guilhermina Marty, residente na rua d. Santo Ildefonso n.º 426 1.º

Ficando a visitar esta pobre Amadeu Récio e João Mendes.

Manuel Dias Basto, residente também na rua Santo Ildefonso 426-3.º

Ficaram a visitar este pobre Fernando Marques e Luis de Carvalho.

Emília Parente, residente na rua S. Dionizão n.º 35.

Ficando esta pobre ao cuidado de Joaquim Correia e Joaquim José Roque.

Pelo Natal foi distribuído aos pobres o seguinte:

Em géneros: batatas, bacalhau, azeite, massa e açúcar.

Em roupas, distribuímos 28 peças e 6 cobertores novos e mais alguns usados.

Em dinheiro, vinte escudos para as rabanadas.

Todos os pobres se mostram satisfeitos pela consoada.

Sobre o pedido para a imagem de S. Vicente de Paulo, temos a informar, que uma senhora nos ofereceu 100\$00 para a sua compra, mas estes não chegaram a ser utilizados, visto a casa de S. José da Rua das Flores nos oferecer a dita.

Durante o Natal recebemos muitos donativos, entre os quais Cem Angolares de Luanda e 390\$00 de anónimos.

Por fim não havendo mais nada a tratar foi a sessão encerrada pelo presidente com as orações finais.

Fernando Guedes

TOJAL Abriu finalmente o novo lar em Lisboa. Foi no dia 4 de Janeiro dia do Santíssimo Nome de Jesus precisamente cinco anos depois de se ter feito a inauguração desta Casa do Gaiato de Lisboa no Tojal. Irão para lá os que já andam a trabalhar em Lisboa. Vai também um cozinheiro, um roupeiro, um porteiro e um para as limpeza. Também temos pedidos de rapazes para empregos, que só agora se podem atender. O sr. Padre Adriano diz que só dá para lá o dinheiro da venda do jornal e o ordenado dos rapazes para o chefe governar de lá por onde der. E por isso a nossa venda que vai nos dois mil, tem de aumentar. Os senhores vejam lá se nos ajudam. É na Rua Renato Batista, 70-1.º.

Estamos a juntar móveis e roupas, mas ainda falta muita coisa. Também se está a fazer um fogão na nossa serralharia, tudo isto para ficar mais barato.

Inauguramos há dias a nova vacaria e a secção dos bois e das ovelhas e o palheiro. Já temos seis vacas leiteiras. Deram-nos uma e comprámos outra e as restantes já cá nasceram.

Quando as outras três começarem a dar leite, já a podemos vender e é mais uma ajudinha para a casa.

Estão a acabar mais duas casas para os pobres que foram entregues no Natal. Os pedreiros que já cá andam a trabalhar há dois anos, vão-se embora tristes por não saberem para onde ir trabalhar. Se algum dos nossos leitores ainda tiver intenções de fazer alguma casa aproveite a ocasião, para os homens não terem começo de ano novo tão triste. Ainda há aqui no Tojal muitos pobres que vivem em currais.

Victor Manuel Henriques Lopes

PAÇO DE SOUSA A nossa aldeia tem andado em sobressalto por causa das coisas que vieram de África. Tudo vai espreitar para depois as moinas.

Eu fui ver se podia acaçar um par de sapatos para a semana, mas não me serviam e o réndio é andar de soletas.

Ofereceram-nos três lindos cãezinhos de luxo que são a alegria da nossa aldeia.

Quem trata deles é o Zé Rocha que não deixa ninguém por-lhe a mão, para que eles não fiquem pachorrentos e não acontecer como aconteceu aos outros que ficaram com as garúas partidas...

Este ano tivemos um nata em cheio. A ceia todos comeram até não querer mais.

Alguns meteram as rabanadas ao bolso para as comerem no fim da missa do galo. Eu cá tive de guardar um naco de sêmas, pois as rabanadas não me vieram à unha.

A seguir ao comer, houve no nosso salão de cinema um belo espectáculo que o nosso grupo cénico muito bem soube preparar.

Por último veio a missa do galo, cantada pelo nosso orfeon que está sempre em forma, ou não seja treinado pelo SEJAQUIM.

Acabada a missa, recolhemos muito contentes às nossas camaratas, mas estudando os planos para o Natal que vem.

O dia de Ano Novo também cá foi festejado. Quando deu meia noite foram tocar a sineta da capela e do refeitório.

Fizeram tamanho restolho que até alguns foram levados ao cebo julgando que era para comer...

Algumas famílias foram pelo Natal contempladas pelo pregão da hora actual, Património dos Pobres, que dá assim mais alegria de viver e conforto àqueles a quem a sorte foi adversa. Essas lindas moradias, à beira dos pinhais e caminhos humildes, são umas verdadeiras estrelas, iluminadas pela generosidade dessa massa anónima que dá do que lhe faz falta com o esforço do seu sangue.

Imitam assim Jesus, que padeceu e sofreu por nós, para nos livrar do choro e ranger de dentes e querendo levar-nos prá beirinha do Trono Celeste, onde entoa o canto de vitória!

DANIEL BORGES DA SILVA

Crónica Vicentina

Mais uma vez aqui estou para falar dos nossos pobres.

Quem dera que não fosse preciso; era sinal de que não os havia e de que os homens não eram egoístas. Infelizmente há-os e para maior desgraça da sociedade, cada vez são mais aqueles que se vêm obrigados a esender a mão.

Parte destes, não são os verdadeiros culpados da miséria para que foram lançados.

Há um monstro que os atira para o abismo sem dó nem piedade. O desemprego. Este é o monstro que não se importa que a família seja pequena ou numerosa, que os filhos sejam muitos ou poucos, que haja ou não haja saúde.

Quantas e quantas vítimas são atitadas para a desgraça só porque se vêm sem o seu emprego. Posso afirmar isto sem receio, porque temos exemplos na nossa conferência.

Ainda agora pelo Natal apareceu-nos à porta um homem novo, com aspecto saudável, que trazia pela mão dois filhos.

Perguntei o que desejava e eis a resposta dele: «Trabalhava em pedreiro, mas como a obra onde andava acabou, despediram-me há coisa de quinze dias. Já procurei trabalho e não consigo arranjar. Tenho cinco filhos e vejo-me sem pão para lhes dar, por isso, vinha pedir se me auxiliavam com alguma coisa.»

Este é um dos erros, mas deixai que vos conte outro e para já peço a alguém que acuda.

É um casal. Ele veio há pouco da tropa. Ele e nós tudo temos feito para conseguir emprego e até hoje, nada. Já escrevemos para três casas importantes desta cidade e a resposta foi sempre negativa.

Ora acontece que este nosso protegido acaba de ser pai. Há agora mais um ser naquela casa e a mãe deste necessita de uma alimentação especial.

Onde a vai buscar? Ele desempregado, ela em casa a cuidar do filhinho.

Há alguém que nos acuda.

Como vêm caros leitores julgo ter razão em afirmar que grande parte das famílias, não são as verdadeiras culpadas da sua miséria. Combata-se o desemprego e veremos surgir caras mais alegres, lares mais felizes e uma Nação mais forte.

Vamos entrar no ano de 1953, que o nosso



O Pimenta, casado, escreve-nos de S. Paulo: omos ambos que lhe enviamos 200 cruzeiros para a nossa obra.

Eu tenho tanta fé no amargo desta minha vida; acredito por tal forma no meu suor, que isto de recusar heranças é com o fim de dar aos meus filhos o conhecimento da Mãe pobre maior desejo de a consolar. Somos ambos que lhe enviamos.

Património dos Pobres

Continuação da página anterior

entro e demoro, é uma viúva doente, por quem um seu filho v.gia. Tem um chaile sobre os ombros, cobertor de lã aos pés, da janela vê quem passa. Está contente. É feliz. Dantes era num buraco! Ao sair da formosa vivenda, colho uma violeta das que ela tem no jardim. Violetas! Festas não. Tomo a violeta e sigo com ela atrás da orelha. Fiz três horas de caminho naquela tarde de frio e de sol. Saltando por sobre calhaus, defende-se a gente da lama. Esvoaçam pardais. Pastam vacas e ovelhas. Homens podam as vinhas. Fumegam casas. É inverno. Estou no ponto mais alto da freguesia, de onde avisto já noutra, um grupo de seis casinhas do Património. Sento-me numa pedra. Ao pé, uma velhinha guarda ovelhas enquanto fia na roca. Eu trazia a violeta no mesmo sítio e agora, enquanto descanso, deleito-me no seu perfume. É tudo verdade. A roca, as ovelhas, a violeta — e o sol! Desço. Sabia doentes dois dos habitantes do pequenino bairro; foram eles, até, que ali me levaram. De um destes quintais, tive uma couve branca de presente no Natal. Apreciei. Desejei mastigar e comer para haver sacramento... Como podemos nós aconselhar ou darmos pompa se ele é tudo tão pequenino, tão pobre, tão Belém, — como? Só o Silêncio!

Governo procure vencer este grande inimigo do pobre.

Mas já chega de tristezas. Falemos agora um pouco de como foi o Natal dos nossos pobres.

A conferência de S. Vicente de Paulo dos Pequenos, continua a ser o assunto número um deste nosso Lar. Os rapazes andam entusiasmados, correspondendo assim ao entusiasmo dos nossos leitores.

O Natal deste ano foi muito fértil em esmolas de roupas e dinheiro.

Luanda não quis esquecer a Conferência dos Pequenos e mandou cem angolares. Foram também bastantes os anónimos que entregaram as suas esmolas aqui no Lar.

No dia e hora marcada, juntamos os pobres numa das nossas salas e fizemos a distribuição.

Foi um dia grande para os nossos corações de vicentinos e foi também um dia grande para os nossos pobres, porque não lhes faltou a ceia do Natal.

Ao terminar o ano de 1952 nós os vicentinos, pedimos a Deus que abençoe os lares de todos aqueles, que de qualquer maneira têm ajudado a ressuscitar os nossos irmãos pobres. Que Deus nos atenda.

Carlos Gonçalves